

RECONEXÕES

Um convite ao reencontro com o Ser



Humberto Lemgruber

Reconexões

Um convite ao reencontro com o Ser

“Não entesoureis para vós; dai em ramalhetes de tenras flores, e o jardim se estenderá”

(José Trigueirinho)

Autor: Humberto Lemgruber

Livro: [Pedra no Lago -Inspirando o Bem](#)

Instagram: <https://www.instagram.com/humberto.lemgruber/>

Youtube: <https://www.youtube.com/@pedra-no-lago>

Capa: Shely Pazzini

SUMÁRIO

Introdução

A Expressão da Pureza

Sob a Regência da Mente

Retorno à Morada

A Consciência da Unidade

Amor Incondicional

Introdução

Há uma força silenciosa que habita o íntimo de cada ser. Ela não grita, não impõe, não exige provas - apenas aguarda, serena, o momento em que decidimos voltar os olhos para dentro. Podemos chamá-la por diferentes nomes: alma, Eu Superior, espírito imortal, entre outros. Não importa como a nomeamos - é sempre a mesma Presença amorosa que nos habita desde sempre. Esse é o grande paradoxo: procuramos por algo que não podemos perder e que não está fora, mas dentro de nós.

Para que essa espiritualidade manifeste todo o seu esplendor, não dependemos de conhecimento, cultura, erudição ou mesmo de inteligência. Basta apenas um desejo ardente de pautar nossa vida segundo a lógica do Ser. Uma súplica sincera ao Eu Superior já é suficiente para que a bondade, a ternura, a pureza e a sabedoria migrem do invisível para o visível. O sagrado, então, se revela nas pequenas coisas.

É nesse gesto aparentemente pequeno - uma escuta atenta, um olhar compassivo, uma escolha baseada na verdade interior - que o bem se propaga. Como uma pedra lançada num lago tranquilo, o impacto pode parecer discreto, mas suas ondas se expandem até alcançar margens que nem mesmo vemos.

É preciso ter sempre presente o Ser que somos - não o personagem, não o papel social, mas a Consciência silenciosa que a tudo observa com amor. Esse Ser Interior não está ausente nem distante. Está aqui, agora, pulsando em cada célula, respirando através de cada instante.

A religiosidade verdadeira se expressa na leveza e na medida em que permitimos que a alma conduza a vida. Não é um dever, nem uma construção, mas um reconhecimento que leva naturalmente ao florescimento do Ser. Quando nos alinhamos a essa Presença - mesmo sem palavras, mesmo sem saber - tornamo-nos canais vivos da paz, da beleza e da abundância, atributos de uma existência desperta.

A reconexão com o que é eterno em nós sintetiza a mensagem deste pequeno livro. Cada reflexão, cada palavra, pretende apenas lembrar aquilo que, em algum nível, já sabemos - mas esquecemos. Reconectar-se é permitir que o sagrado reencontre passagem através da simplicidade da vida. É retornar ao lar interior, onde tudo sempre é simples, calmo e íntegro. É acolher, enfim, o chamado silencioso do Ser.

A Expressão da Pureza

"- Vô, por que você não vem morar aqui?", perguntou Juju num momento de expressão genuína da pureza, própria de uma criança de nove anos. Uma indagação impactante, que dá um "puxão" na consciência e impõe uma inexorável reflexão sobre algo muito além de uma simples demonstração de afeto.

Dias depois, ecos da pergunta ainda ressoam no mais profundo, como uma epifania. Lembro de ter respondido: "- Mas eu já moro aqui", apontando para o coração dela. Contudo, o simbolismo da resposta, ainda que filosoficamente educativa, não é suficiente para preencher a lacuna que a ausência física traz. Às vezes, a saudade aperta!

A vida é realmente prodiga. Se estivermos atentos às mensagens sutis que se apresentam no cotidiano, podemos extrair ensinamentos valiosos sobre a nossa forma de "estar no mundo, sem ser do mundo". Um diálogo como este, de segundos, é capaz de limpar a poeira da ilusão da separação e nos libertar das prisões mentais e emocionais. Quando compreendemos a sabedoria da vida se expressando, os corações se amalgamam e, assim reunidos, expandem o amor. E é esse amor genuíno que cura, que eleva e que vai silenciosamente trazendo o sentido da unidade com toda a vida manifestada.

Esse breve diálogo com Juju me deixou em estado de solidão por muito tempo. Não o silêncio da ausência de ruídos ou mutismo, mas aquele que surge quando somos tomados por algo maior do que as palavras, que excede a mera compreensão mental. O coração, às vezes, abraça a mente! Por momentos, a quietude descortina verdades escondidas sob as aparências das formas; quando acolhido, permite que a sabedoria se expresse. Reconnectamos com o sagrado.

Quantas vezes passamos por momentos assim - uma frase solta, um olhar demorado, uma pergunta inocente e não percebemos os sinais que a vida está nos enviando? A vida é profundamente filosófica e, em sua linguagem delicada, não grita, mas sussurra. E, para escutá-la, é preciso silenciar a voz dentro da cabeça.

Passado algum tempo, o diálogo ainda está vivo e ressurge na mente como um chamado interior à quietude e à vivência do momento presente com mais inteireza. Uma chance de resgatar um saber interior que confirma que o amor, quando verdadeiro, não se limita ao tempo nem ao espaço. Sua voz doce carregava uma força ancestral, como se a própria vida falasse através dela, abrindo uma fresta na minha consciência - uma fresta por onde entrou a luz.

"Em cada coração há uma janela para outros corações. Eles não estão separados, como dois corpos. Mas, assim como duas lâmpadas que não estão juntas, contudo, suas luzes se unem num só feixe"

(Rumi)

E, nessa luz, percebi que muitas das nossas dores vêm da ilusão da separatividade: separados dos outros, da natureza, de Deus. A saudade que aperta, tantas vezes, é o reflexo do afastamento de nós mesmos, porque, com os condicionamentos e apegos, perdemos a percepção da unidade e da pureza original.

Vivemos como se estivéssemos exilados da nossa própria essência. Corremos atrás de metas e indicadores, sobrevivemos a prazos, resistimos ao silêncio, e nos esquecemos do propósito tatuado na alma, a qual se alimenta da doação de si mesma à vida única - e não de performance. Mas, de tempos em tempos, a vida nos sacode. E, quando estamos atentos, um simples gesto nos reconecta. Um abraço. Um por do sol. Uma pergunta de uma criança.

Essas reconexões, ainda que fugidias e passageiras, chegam "do nada", como um vislumbre. Dias se passam e noto que ocorre uma profunda integração entre o personagem, o ator e o palco da vida, como se tudo estivesse aderente ao script que o Pai concebeu ao nos criar. Traz uma estranha sensação de paz e reforça a fé - atributos essenciais para estar diante dos próximos desafios com neutralidade e sabedoria, de forma a extrair deles os ensinamentos que a vida traz.

Mas, para reconhecer esses sinais - para sentir quando a vida fala conosco - é preciso estar em estado de prontidão. Esse estado só pode ser conquistado se estivermos em sintonia com o Ser Interior. Quando estamos mentalmente alinhados com a nossa essência, quando a mente silencia e cede espaço à consciência mais profunda, passamos a perceber o invisível: gestos simples ganham significado, e o cotidiano se torna um livro vivo de revelações sutis.

A criança, em sua pureza original, vive nesse estado naturalmente. Ela é, por essência, um ser ainda não totalmente maculado pelas estruturas da normose coletiva - essa normalidade que nos afasta da verdade do coração. Ela ama sem esperar. Oferece sem calcular. Confia sem proteger-se.

É como uma rosa que desabrocha sem perguntar se será aceita, ou como uma flor rara que floresce no deserto, sem saber se alguém a verá. O amor que pulsa numa criança não obedece a condições. Ele flui diretamente do Eu Superior, que nela ainda atua com liberdade, sem os filtros e censuras da mente condicionada.

"A flor que desabrocha na simplicidade é a mais rara e bela de todas"

(Sabedoria Oriental)

Nesse estágio puro da existência, é o Ser que rege - e não o ego. E quando o Ser conduz, atributos como compaixão, ternura, espontaneidade e simplicidade não precisam ser ensinados. Eles simplesmente emergem, se manifestam por si, como o lotus que se ergue do pântano, impelido pela luz, mesmo em meio às águas turvas da inconsciência humana.

No entanto, com o tempo, a mente vai sendo modelada por padrões, expectativas e narrativas sociais que, pouco a pouco, vão colocando correntes que imobilizam a expressão da criança interior. A espontaneidade dá lugar ao medo de errar. A alegria cede espaço à busca por validação. A Presença se perde nas preocupações sobre o futuro.

Quanto mais nos identificamos com os condicionamentos, mais sentimos o vazio de propósito - uma espécie de frustração espiritual. A desconexão com o Eu Superior traz uma inquietude que nenhuma conquista externa consegue atenuar.

Mas há sempre uma chance de retorno, de reconexão. E essa reconexão é, acima de tudo, um ato de liberdade. A verdadeira liberdade não é romper com tudo, mas viver em coerência com os ditames da alma. É ter a coragem de ser quem se é, mesmo quando isso contrarie os manuais de normalidade praticados. É escutar o chamado silencioso que vibra dentro de nós e responder a ele com fidelidade. É preciso persistir na busca pelo encontro interno!

Essa liberdade não se adquire - já é um estado inerente ao ser. Ela apenas floresce. Floresce quando deixamos de viver em busca de aceitação social e passamos a viver como seres espirituais, orientados pela Luz Interior. Floresce quando nos permitimos viver com leveza, como quem surfa na onda e se deixa levar pela sabedoria do oceano. E um deixar-fluir permanente, sem expectativas. As lutas cessam. A paz emerge das profundezas!

“Se submetermos nossa vontade consciente permitindo que ela se unifique com a vontade do Eterno, então, mas só então, poderemos alcançar a verdadeira liberdade”

(Sri Aurobindo)

A pureza que buscamos resgatar não é uma meta distante, mas uma qualidade essencial que se conserva viva no âmago do Ser. Não importa quanto tempo tenhamos permanecido distantes de nós mesmos - essa centelha

original permanece intocada, à espera do nosso retorno. Ela não se corrompe com os enganos da mente, nem se mancha com os desvios do ego. Apenas aguarda o instante em que escolhemos recordar quem somos.

Resgatar a pureza é mais do que uma atitude íntima - é um ato de louvor à vida. Afinal, somos Um! Cada vez que um ser humano se volta para dentro de si mesmo, com reverência e gratidão, o universo responde. Cada escolha pelo bem, cada pensamento luminoso, cada silêncio habitado pela Presença, torna-se parte de uma restauração maior. Assim, o resgate da pureza individual torna-se uma oferenda coletiva - um chamado silencioso para que todos também se lembrem da sua origem.

Sob a Regência da Mente

Há um momento na jornada em que o frescor da infância começa a se esvaír. A espontaneidade ocorre com menos frequência, e as ações planejadas e calculadas vão assumindo esse vácuo comportamental. A confiança é substituída pela vigilância. A pureza, antes livre como o voo de uma garça sobre um lago sereno, começa a ser recoberta por camadas de condicionamento, como névoa que cobre o vale ao amanhecer.

É quando começa a regência da mente!

A mente não é inimiga - ela é uma ferramenta preciosa. Mas quando deixa de servir à alma e se transforma em soberana, perdemos a visão da floresta e o sentido de unidade. Assim como um rio que, ao desviar de seu leito natural, passa a esbarrar em pedras e redemoinhos, nossa natureza essencial é desviada de sua rota quando a mente - não mais serva, mas senhora - assume o comando. Com isso, surgem os medos, os apegos, os desejos insaciáveis, as comparações, os julgamentos. O foco se desloca do Ser para o Ter. Do viver para o conquistar. Do fluir para o resistir.

"A incapacidade de sentir a conexão com seu próprio Ser, que é imensurável e indestrutível, da origem a uma ilusão de separação, tanto de você mesmo quanto do mundo ao seu redor. Quando você se percebe, consciente ou inconscientemente, como um fragmento isolado, o medo e os conflitos internos e externos tomam conta da sua vida. A identificação com a mente cria uma tela opaca de conceitos, rótulos, imagens, palavras, julgamentos e definições, que bloqueia todas as relações verdadeiras. Essa tela se situa entre você

e seu Eu Interior, entre você e o próximo, entre você e a natureza, entre você e Deus."

(Eckhart Tolle)

E assim, sem perceber, entramos na caverna de Platão: um lugar escuro onde os homens, acorrentados desde sempre, observam apenas sombras projetadas na parede, crendo que aquelas sombras são a própria realidade. Assim somos nós, quando tomamos os reflexos mentais por verdades absolutas, quando vivemos à mercê do que os outros pensam, dizem ou aprovam. Quando acreditamos que somos apenas o que acumulamos, realizamos ou aparentamos. A mais cruel das prisões é a mental.

A busca pela conexão interior é capaz de tirar os véus da ignorância, sendo a mais grave delas o não reconhecimento das próprias correntes e a defesa incontestada delas, como se fossem braceletes de ouro. Somos livres, desde sempre!

Vivemos em uma cultura que não ensina o quão fundamental é a escuta interior. Somos treinados a buscar fora aquilo que só pode ser encontrado dentro. Passamos a vida esperando que alguém nos diga o que fazer, como viver, o que está certo ou errado, bonito ou feio, aceitável ou inaceitável. A maioria das nossas decisões nasce do medo: de errar, de ser rejeitado, de não se encaixar nas expectativas que os outros criam a nosso respeito. Existe um medo sutil e paradoxal em nós, que surge da possibilidade de nosso projeto de vida dar certo, nos levando a um lugar de onde não poderemos mais voltar ao conforto do que éramos antes.

E assim, o Ser Real - o imaculado, o sem forma, o atemporal - vai sendo silenciado. Perdemos de vista o verdadeiro propósito da vida.

A Voz Interior - aquela que sussurra suavemente nas entrelinhas da existência - vai sendo abafada pelo ruído mental. A rota do GPS da alma é ignorada, enquanto seguimos mapas emprestados, caminhos herdados, fórmulas que prometem tudo e entregam pouco. Tornamo-nos navegadores que, em vez de ler o céu, vivem à espera de faróis das ilhas distantes. Esquecemos que a luz verdadeira está acesa dentro de nós.

"Qualquer que seja a direção que você tome, a agulha da bússola sempre aponta para o norte. O mesmo deveria ser com você. O que quer que você faça e onde quer que você vá, deixe que sua mente permaneça em seu coração."

(Mooji)

Assim como a natureza, a vida possui um ritmo que se manifesta de forma espontânea e ordenada. Não há necessidade de instruções externas para que cada coisa cumpra seu papel. Esse funcionamento natural é simples e silencioso. O problema surge quando o ego assume o controle e tenta impor regras e resistências, rompendo esse fluxo autêntico e criando tensão e desconexão com aquilo que é sagrado em nós.

A partir desse desalinhamento, os conflitos internos se intensificam. Ora surgem impulsos difíceis de conter, ora vem uma sensação de bloqueio e estagnação. A ansiedade e o medo dificultam o foco e a estabilidade emocional. Há dias em que tudo pesa mais, outros em que parece faltar energia. Nessa instabilidade constante, perdemos o centro - e refletimos no mundo os reflexos desse estado interno caótico.

Mas há momentos raros e preciosos em que algo diferente acontece.

Uma fresta se abre na caverna. Um raio de luz atravessa a escuridão. Algo dentro de nós - uma memória longínqua, uma saudade do inominável - começa a pulsar. Surge durante um silêncio inesperado. Um instante em que a mente cede, e o Ser ressurgue, como uma brisa morna após uma longa tempestade. Um cheiro de terra molhada se faz sentir!

Ainda presos à caverna, já não somos totalmente iludidos pelas sombras. Algo em nós começa a questionar, a perceber que as fronteiras da caverna foram rompidas. Existe um mundo a explorar além das aparências e daquilo que se projeta nas paredes. A corrente enfraquece, e uma luz, mesmo sutil, nos desperta. É a consciência chamando - o Eu Superior sinalizando que é hora de retornar à fonte. Esse ó o chamado!

Ele não se impõe. Apenas convida. É preciso uma escuta que não se faz com os ouvidos, mas com o coração. Seguir essa voz, sem olhar para trás, talvez seja a maior oportunidade de ser livre. E, paradoxalmente, essa liberdade não se conquista - ela já nos pertence. Apenas precisa florescer, como a flor de lótus que, mesmo

nascendo em águas turvas, se ergue em direção ao sol, movida por um chamado interior que não sabe explicar, apenas segue.

O despertar começa com esse reconhecimento: de que a vida não é o que se vê nas sombras. Não somos somente a aparência refletida no espelho. Há algo mais. Há um sol esperando. E, mesmo sem ter saído totalmente da caverna, já é possível caminhar em direção a luz - passo a passo, silêncio após silêncio - até que o Ser volte a reinar e a mente, enfim, se renda ao seu verdadeiro lugar: o de serva da consciência.

Retorno à Morada

Chega um momento em que a atenção naturalmente se volta para dentro. Os desejos vão se sutilizando. Os medos ainda surgem, mas já não paralisam. A mente, antes dispersa, começa a perceber com mais clareza o que é essencial. Nesse estado, surge uma compreensão mais profunda: a paz que buscamos fora sempre esteve aqui, dentro de nós. Um retorno à Morada - não um lugar, mas um estado de Presença que nunca nos abandonou.

Essa Morada é o Ser Interior. Não se trata de uma ideia, nem de um ideal - mas da Realidade última que habita silenciosamente o profundo de nós mesmos. Alinhar-se a Ele talvez seja o maior de todos os reencontros. É como se, após longas e áridas peregrinações, enfim pousássemos os pés no solo firme da nossa origem.

Esse alinhamento não é um feito da vontade forçada, mas uma harmonização espontânea que acontece quando o corpo, a mente e as emoções se aquietam e se inclinam humildemente diante da alma. É a renúncia da agitação, da exigência de controle, da ansiedade por respostas. E o que brota disso é serenidade.

Mas essa serenidade só se revela plenamente quando aprendemos o poder da observação da mente. Observar a mente não é lutar contra ela, nem tentar moldá-la segundo padrões idealizados. É simplesmente assistir, com lucidez e paciência, o fluxo dos pensamentos, dos impulsos, dos julgamentos. Essa vigilância amorosa dissipa a nevoa que encobre a clareza do Ser.

Quando observamos a mente, nos desidentificamos dela. Passamos a ver que não somos os pensamentos, nem os condicionamentos, nem as emoções passageiras. Somos a Consciência que os observa. É nesse espaço interno

- livre do apego e da resistência - que a luz do Ser começa a brilhar com mais nitidez. Como o céu que se abre após dias de tempestade, a realidade interior revela sua vastidão.

A cura dos medos e dos apegos não acontece pela simples tentativa de controlá-los ou vencê-los. Ela se dá quando conseguimos, mesmo que brevemente, interromper a identificação com os padrões que alimentam a sensação de separação e escassez. Nesse instante de abertura, a consciência profunda que somos se faz presente e dissolve, sem esforço, as amarras que antes pareciam intransponíveis.

O movimento mais transformador não está em combater o medo ou reprimir o apego, mas em nos voltarmos para dentro, em busca da nossa fonte de sabedoria. É essa Presença serena e plena que opera a verdadeira cura.

Com o tempo, a mente deixa de reagir com defesa ou controle e passa a reconhecer, na dinâmica da vida, uma inteligência maior que nos conduz ao amadurecimento. O que chega até nós deixa de ser visto como ameaça e se revela como ocasião para crescimento da consciência.

Para isso, é preciso atravessar as estruturas mentais que nos mantêm desconectados do real. Crenças, hábitos, memórias e mecanismos de proteção formam uma camada espessa que encobre o essencial. No entanto, não é necessário travar uma batalha contra essas construções. Basta reconhecê-las com honestidade e permitir que a consciência desperta as integre e as transcenda. Quando a Luz se manifesta, ela dissolve com suavidade tudo o que não é verdadeiro.

Esse retorno exige rendição. A entrega total à Vontade da Alma. Uma rendição ativa, que não é passividade, mas confiança de que tudo está sob a égide do Eu Superior. É deixar de nadar contra a corrente e permitir-se ser conduzido pela sabedoria profunda do oceano.

Tal como o filho pródigo na parábola, somos viajantes que percorrem longas estradas por terras distantes, acreditando que a realização está sempre além do próximo passo. Iludidos por conquistas efêmeras, vamos nos afastando de nós mesmos até que o vazio dessas experiências se torne um tormento. Então, exaustos, decidimos voltar. E ao regressar, não encontramos julgamentos nem exigências.

O Ser Interior - tal como o pai amoroso da parábola - é compassivo: não pune, não exige explicações. Apenas nos acolhe em silêncio, com ternura e plenitude, como quem sempre soube que esse reencontro era inevitável.

Retornar à Morada é, portanto, um ato de humildade e de coragem. Requer o abandono das máscaras, o desapego das certezas, a disposição de se despir diante da Verdade que sempre esteve ali, esperando.

“Somos assim: sonhamos o voo, mas tememos a altura. Para voar é preciso ter coragem para enfrentar o terror do vazio. Porque é só no vazio que o voo acontece. O vazio é o espaço da liberdade, a ausência de certezas. Mas é isso o que tememos: o não ter certezas. Por isso trocamos o voo por gaiolas. As gaiolas são o lugar onde as certezas moram”

(Dostoiévski)

E a prática começa no simples. No silêncio entre dois pensamentos. No momento em que se percebe um julgamento e se opta pela compreensão. Na pausa antes da reação automática. Na escuta profunda de si e do outro. Cada gesto de Presença é um passo em direção à Morada.

Retornar é lembrar. É descansar no que nunca deixou de ser. É tornar-se transparente, para que a Luz seja visível em nós.

A Consciência da Unidade

Ao longo da jornada, parecemos nos fragmentar. O corpo, a mente, as emoções, o ego, os eventos, as escolhas, os erros - tudo parece ocorrer em partes, como peças dispersas de um quebra-cabeça que tentamos montar, na esperança de reencontrar a inteireza perdida. Mas essa fragmentação é apenas uma percepção, uma forma da consciência se mover no tempo e no espaço. Na verdade, nunca deixamos de ser inteiros.

O Ser é uno. O que somos, em essência, não é um somatório de partes, mas uma Presença indivisível que se expressa através de diversos instrumentos: o corpo físico para agir, o emocional para sentir, o mental para

compreender, e até mesmo o ego - quando amadurecido e purificado - pode se tornar um veículo de individualização a serviço da totalidade.

Todos esses instrumentos são úteis para que o Ser se manifeste. Contudo, esquecidos de nossa origem, passamos a nos identificar com os instrumentos, e não com o Maestro da orquestra da vida. Toda a partitura está tatuada no interior; no entanto, os condicionamentos nos levam a leitura de pergaminhos desbotados pelo tempo, que não correspondem mais à nossa consciência. E assim, acreditamos estar separados - uns dos outros, da natureza, da Fonte.

Mas essa separação é apenas aparente. Somos, desde sempre, expressão viva da mesma Realidade. Somos Um. E é justamente quando conseguimos reconhecer a unidade por detrás da diversidade que a cura das ilusões acontece - não como eliminação de sintomas físicos, emocionais e mentais, mas como reconciliação com a vida em todas as suas formas.

Mesmo que a trajetória seja marcada por labirintos de sofrimento e desorientação, há algo que nunca se abala: a Luz permanece. A Luz é o que somos, ainda que, por vezes, obscurecida pelas nuvens da ignorância e as tempestades da condição humana. Mesmo quando não a vemos, Ela está. Mesmo quando a esquecemos, Ela aguarda, pacientemente, pelo nosso despertar.

“A matéria resiste. A Luz prossegue. A matéria organiza a reação. A Luz prossegue. A matéria perturba-se. A Luz prossegue. A matéria volta-se contra si. A Luz prossegue. A matéria degenera. A Luz prossegue. A matéria vê a destruição. A Luz prossegue. A matéria vê a Luz. A Luz prossegue. A matéria compreende. A Luz prossegue. A matéria rende-se. A Luz prossegue. A matéria tem sua revitalização iniciada. A Luz prossegue. A matéria acolhe o encontro com a Luz. A verdadeira vida tem início. Anjos estendem as mãos e os puros conseguem tocá-las”

(José Trigueirinho – Versos Livres – obra póstuma)

A Consciência da Unidade está acessível a todos nós. Não é utopia, nem uma teoria. É uma experiência viva que floresce quando nos rendemos ao fluxo da Vida. É a certeza que nasce quando temos a graça de sentir, por instantes, a Verdade que permeia todas as formas. É o olhar que atravessa a dor e, ainda assim, reconhece a beleza da existência.

Tudo coopera para esse reencontro. Toda fragmentação existe apenas para que possamos retornar à Inteira com consciência. O sofrimento, por paradoxal que pareça, também é um chamado à Unidade - porque ele revela onde nos afastamos do centro, onde nos identificamos com o transitório, onde esquecemos o que somos.

E o que somos é Luz. Somos a Divindade em expressão, ainda que inconscientes disso. O retorno não é a criação de algo novo, mas o reconhecimento do que sempre foi. Não há caminho até a Unidade - há apenas o desvelar daquilo que já É.

Nesse reconhecimento, todas as fronteiras internas se dissolvem. O "eu" e o "outro" deixam de ser opostos. O céu e a terra se tocam. O Ser se reconhece em cada olhar, em cada gesto. E então, o que resta é apenas gratidão. Por tudo. Até pelas feridas, pois foram elas que nos conduziram à lembrança da Unidade.

Somos Um. Sempre fomos. Sempre seremos. A Morada nunca nos deixou. Nós é que nos ausentamos. Mas o Amor - silencioso e absoluto - nos esperou pacientemente.

E agora, o que resta é apenas a rendição à Vontade Maior. O retorno à Casa silenciosa de onde nunca partimos.

Amor Incondicional

Voltando à pergunta-chave da Juju: - Você, por que você não vem morar aqui?

A simplicidade e a pureza da sua pergunta revelam o que é o verdadeiro amor do coração - aquele que não busca explicações, que não nasce da carência nem do interesse. Ela apenas deixou fluir um sentimento genuíno: o amor que se dá, simplesmente, sem esperar nada em troca.

Esse é o amor que brota do Ser - uma fonte inesgotável e silenciosa, que não exige, não mede, não controla. Ele não depende de condições externas, nem se altera com o tempo ou com as circunstâncias. O amor incondicional é como o sol: brilha sobre todos, sem distinção, sem preferências.

"Assim como a rosa que, por ser rosa, perfuma; como a luz que, por ser luz, ilumina; assim o amor, por ser amor, simplesmente e sem motivos ama"

(Ignacio Larrañaga)

Durante grande parte da vida, confundimos amor com apego, com necessidade, com troca. Acreditamos que amar exige motivos, garantias, reciprocidade. Mas o verdadeiro amor não precisa de razão. Ele não argumenta, não convence. Ele apenas flui.

No caminho espiritual, aprendemos que amar é, antes de tudo, um estado de Presença. É a dissolução das exigências do ego para que o Ser possa se expressar livremente. Esse amor não tem pressa, não se impõe - e, justamente por isso, transforma.

Quando tocamos esse amor dentro de nós, ainda que por um breve instante, compreendemos que não há nada a conquistar. Tudo já está dado. E o maior gesto que podemos oferecer ao mundo é este: estar disponíveis para amar sem motivo - como Jujú, que simplesmente deixou que o perfume da sua bela alma florescesse no instante presente.

O amor incondicional é a fragrância natural do Ser quando ele está desperto. Quando deixamos de buscar amor e apenas passamos a ser amor, o mundo muda, ainda que nada ao redor se altere, porque foi o olhar que se transformou. É quando estamos entronizados no Eu Superior que temos a lembrança da nossa verdadeira natureza.

"Há alguma coisa para a qual vale a pena acordar, para qual vale a pena viver; é o Amor. E com o despertar do amor, entrou no mundo a possibilidade de retornar ao Divino e, em resposta, o Amor Divino e a Graça se inclinam para baixo, para encontrar a criação"

(A Mae)

Que o Amor e a Verdade nos conduzam pela eternidade da vida!